

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Stefany Victoria Lima Alves

**Maternidade e trabalho: Uma experiência em economia
solidária**

São Paulo
2024

Stefany Victoria Lima Alves

**Maternidade e trabalho: uma experiência em economia
solidária**

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Andréia De Conto Garbin

São Paulo

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente as pessoas que contribuíram no meu percurso acadêmico e na elaboração deste trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia:

Aos meus pais, Maurílio e Elisabete, expresso minha profunda gratidão pelo cuidado dedicado a mim ao longo de toda minha vida. Sem vocês eu não teria chegado tão longe. Vocês sempre me inspiraram e continuarão me inspirando sempre.

Às amigas que a Pontifícia me presenteou, em especial, Sofia, Nathalia, Laura e tantos outras não citados, agradeço pelo apoio constante e pelo esforço em me fazer sorrir, mesmo quando as situações estavam difíceis.

Aos amigos que estiveram ao meu lado nos melhores e piores momentos e sempre me encorajaram a não desistir, mesmo quando eu queria. Em especial, aos meus amigos do ensino médio e os agregados do grupo. Suas opiniões e palavras sempre foram importantes para mim. Obrigada por tudo!

À Lucas Menezes, meu amor, por todo apoio e ajuda durante esses anos da graduação. Sem você esse projeto teria sido mais árduo e difícil de se concretizar.

À Conceição e Cyro, por toda ajuda durante o cursinho e nos anos seguintes. O apoio de vocês foi essencial para conseguir entrar na faculdade e conseqüentemente realizar esse trabalho.

À Bia Venâncio, por sempre me ajudar a compreender e estudar sobre economia solidária e feminismo. Além de uma grande amiga, é uma fonte de inspiração para mim como profissional.

Ao Bruno Dias, meu amigo, por sempre me apoiar quando não estava me sentindo bem. Obrigada pelos conselhos e sugestões!

Aos profissionais que encontrei durante a graduação, agradeço por todas as discussões, reflexões e aprendizados. Em especial, a profa. Dra. Cris Andrada, por ter sempre apoiado o desenvolvimento da Liga Acadêmica de Psicologia Social e Trabalho (LAPSIT) por meio de atividades, textos, desenvolvimento e tudo que fosse necessário.

Às minhas colegas, que embarcaram nessa jornada para fundar a LAPSIT comigo, agradeço profundamente, pois sem vocês não teria descoberto como amo estudar temáticas de trabalho e, principalmente, compreender as belezas da economia solidária. Também quero expressar meus sinceros agradecimentos às novas gerações que compõem esse projeto tão significativo e enriquecedor para mim. É gratificante testemunhar o aprendizado contínuo sobre trabalho, cuidado e as belezas da economia solidária.

À profa. Dra. Bia Brambilla, gostaria de agradecer por todas as oportunidades e trocas no Programa de Tutoria e Extensão (PET) para o desenvolvimento de projetos e pelas aulas de ética. Você me ensinou e continua me ensinando até hoje.

Ao prof. Dr. Agnaldo Gomez, por todas as supervisões sobre trabalho e gênero. E por toda força e esperança nessa profissão linda da psicologia.

Esse trabalho não seria possível sem a minha orientadora, prof. Dra. Andréia De Conto Garbin, que me apoiou na construção desse trabalho que marca o fim de um ciclo da graduação.

Por último, agradeço a todas as mulheres que generosamente contribuíram para a construção deste trabalho, compartilhando suas vivências, motivando através dos seus relatos reflexões sobre as potencialidades que a economia solidária pode exercer como política pública de cuidado e trabalho.

O mais importante da economia solidária é a prática da solidariedade.

Se vocês quiserem ser felizes, sejam solidários.

Paul Singer (2015)

RESUMO

ALVES, Stefany Victoria Lima. **Maternidade e Trabalho: uma experiência em economia solidária**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2024.

As mulheres frequentemente são colocadas em múltiplas jornadas de trabalho, sendo responsáveis não apenas pela provisão econômica dos lares, mas também pelos serviços domésticos e pela responsabilidade de ocuparem o papel de cuidadoras primárias dos relacionamentos familiares. Este contexto gerou a pergunta norteadora da pesquisa: Qual é o sentido do trabalho para mães inseridas na economia solidária? Deste modo, os **objetivos** da pesquisa foram compreender os sentidos do trabalho para trabalhadoras que exercem a maternidade em experiências de economia solidária; reconhecer o processo de trabalho e a maternidade e identificar potencialidades e limitações da geração de trabalho por meio da Economia Solidária e a geração de trabalho para as mães. A **metodologia** qualitativa, fundamentada na Psicologia sócio-histórica, na qual foram entrevistadas três mulheres com filhos, idades de 37, 50 e 60 anos, inseridas em uma cooperativa de economia solidária vinculada à Rede Justa Trama, especializada na produção agroecológica da produção do algodão. Os **resultados** mostram que a coletividade entre as mulheres na economia solidária as auxilia na produção contínua de artesanato, mas sem renunciar ao cuidado dos filhos, no entanto relataram um mercado competitivo e a preocupação a aposentadoria. sem a necessidade de sacrificar sua presença junto com os filhos. Destacaram o sentido de coletividade e a união presentes no dia-a-dia da economia solidária e as repercussões à saúde das trabalhadoras. **Nas considerações finais** destaca-se o pertencimento, a cooperação, os desafios da aprendizagem e a ajuda cotidiana, sendo que a experiência de cada cooperada constitui um modo de produzir subjetividade, identidade e cultura. Ademais, sugere-se o aprofundamento de pesquisas para compreender melhor certos pontos específicos, como o desenvolvimento de políticas públicas para cooperadas na economia solidária.

Palavras-chave: trabalho; economia solidária; maternidade.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Camiseta da Justa Trama, 2024	25
Figura 2 - Ecobag da Justa Trama, 2024	25
Figura 3 - Logo da Justa Trama, 2024	25
Figura 4 - Jogo da Justa Trama, 2024	25
Figura 5 – Regiões alagadas no Sul, 2024.....	35
Figura 6 – Ruas alagadas em Porto Alegre, 2024.....	35
Figura 7 - Cooperativa UNIVENS, 2024.....	36
Figura 8 - Logo Justa Troca Banco Comunitário, 2024.....	36

LISTA DE GRAFICOS

Gráfico 1 - Bairros x População Afetada, 2024	36
--	-----------

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	8
2. INTRODUÇÃO	10
2.1 Maternidade e trabalho	11
2.2. Economia Solidária e Gênero	17
3. OBJETIVOS	20
3.1. Objetivo geral.....	20
3.2. Objetivos específicos.....	20
4. MÉTODO	21
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS	24
5.1 Apresentação das entrevistadas.....	25
5.1.1 A inserção nos empreendimentos de economia solidária	26
5.1.2 A maternidade vivenciada na economia solidária	28
5.1.3 Desafios no trabalho na economia solidária.....	29
5.1.4 As potencialidades em trabalhar em uma economia solidária	31
5.1.5 As experiências de trabalho anteriores à entrada na economia solidária.....	32
5.1.6 O sentido do trabalho na economia solidária	33
6. EVENTOS AMBIENTAIS ATINGEM A JUSTA TRAMA	35
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	39
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO (TCLE)	45
ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	48

1. APRESENTAÇÃO

Meu ingresso no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) favoreceu a ampliação de meus interesses e experiências que tornaram possível questionar a importância do trabalho feminino, principalmente, para aquelas que também exercem a maternidade. Nesse processo, participei da fundação da Liga Acadêmica de Psicologia Social e Trabalho (LAPSIT), juntamente com outras colegas.

O projeto, orientado pela professora Cris Andrada, colocou-me em contato com a economia solidária, como forma de geração de renda para diversas pessoas, mas também como uma possibilidade de poder exercer a maternidade utilizando novas estruturas econômicas. Assim, conheci diversas redes de economia solidária e trabalhadoras que compunham esse espaço e, através de grupos de estudos e projetos de extensão consegui adentrar no campo das potencialidades da maternidade e trabalho.

Durante os últimos anos de graduação, realizei uma pesquisa de iniciação científica investigando como a maternidade era afetada pelas relações e dinâmicas de trabalho durante a pandemia. Percebi que gênero, trabalho e maternidade estão intrinsecamente relacionados, apresentando tanto potencialidades quanto limitações devido às demandas e imposições do recorte de gênero no mercado de trabalho. Durante essa pesquisa, percebi que não importava qual era a profissão da mãe, pois se não houvesse uma rede de apoio e um olhar de cuidado por parte do seu local de trabalho e de sua rede familiar era extremamente desafiador exercer a maternidade. Além disso, percebi que a maternidade se entrelaça com outras esferas sociais como raça e classe.

A partir desse estudo, surgiu meu interesse em conhecer melhor como as trabalhadoras que exercem a maternidade conseguem conciliar as exigências do trabalho, mas agora com um foco específico na economia solidária. Nesse formato de trabalho, percebi que propunha a emancipação dos trabalhadores por meio do cuidado mútuo, a colaboração e o protagonismo dos próprios cooperados.

Paul Singer (2002) esclarece que a economia solidária consiste em empreendimentos desenvolvidos pelos próprios trabalhadores, onde a coordenação do trabalho é realizada internamente pelos mesmos. importante

ressaltar que as economias solidárias são regidas pelos princípios do movimento operário e da democracia, promovendo um novo manejo de trabalho prioriza o trabalhador ao invés de apenas o que é produzido.

No Brasil, as mulheres frequentemente participam do mercado de trabalho como as únicas responsáveis financeiras de seus lares, enfrentando contínuas desigualdades de gênero que resultam em diferentes impactos na saúde mental.

Vários estudos comprovam que as mulheres recebem menores salários, mesmo possuindo iguais características, como a escolaridade. Embora tenha se verificado mudanças importantes no mundo do trabalho, a questão da discriminação da mulher no mercado de trabalho permanece, pois, os homens continuam ocupando os mais altos cargos e ganhando os maiores salários. (Pereira et al, 2005, p.3)

Para fins de compreender a questão desta pesquisa serão desenvolvidos os seguintes tópicos teóricos: o trabalho, economia, maternidade.

2. INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, houve uma mudança significativa no sentido do trabalho na sociedade XIX. Enquanto Marx buscava compreender o fenômeno da luta de classes, dividindo a sociedade em dois grupos centrais: burguesia, detinha os meios de produção para a realização do trabalho, e o proletariado, que ofereceria a sua mão de obra dentro das fábricas. No entanto, os ganhos financeiros não eram distribuídos igualmente. Os sujeitos inseridos no proletariado acabavam trabalhando mais horas do que recebiam em compensação monetária, o que, enriquecia a burguesia. Esse fenômeno foi chamado de mais-valia, e alimentou as diferenças sociais na sociedade.

Ricardo Antunes, em seu livro “Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação” (1999), buscava compreender como ocorreu a expansão do termo “proletariado”, para o qual Marx denominava “trabalhadores produtivos”. Em sua totalidade, seriam todas as pessoas que venderiam a sua força de trabalho em troca de um salário, não necessariamente os indivíduos que trabalhavam manualmente. Assim, os trabalhadores são aqueles que vendem a sua força de trabalho em troca de um salário. Ademais, há o trabalhador improdutivo, ou seja, aquele que não constitui como ator atuante do processo de criação de mais valia.

Com o avanço da industrialização técnico científica, houve um aumento ainda maior em relação ao trabalho vivo (realizado pelos seres humanos) e o trabalho morto (desenvolvido pelas máquinas). Este último, buscava evitar o trabalho improdutivo, começando a ver uma eliminação do mesmo e uma transferência de demandas para os trabalhadores produtivos. Isso revela um avanço constante da precarização do trabalho, onde o sujeito não tem acesso a condições dignas de trabalho e ainda se espera uma alta produtividade e eficiência. Quando essa situação não se concretiza, os trabalhadores são descartados rapidamente. Assim, vê-se o alastramento da lógica taylorista e fordista na produção mundial. Esse modelo de trabalho buscava racionalizar a produção no menor tempo possível, estabelecendo metas importantes de desenvolvimento de produção.

Assim, a classe trabalhadora atual passa por diversas mudanças. Primeiramente, há uma diminuição cada vez maior da classe operária de

trabalhadores manuais, pois estes trabalhos estão sendo reduzidos, devido à substituição por máquinas em trabalhos mais repetitivos e mecanizados.

Em segundo plano, observa-se o aumento da classe trabalhadora assalariada, mas em trabalhos temporários e regimes de escala. Essa precarização, denominada de “novo proletariado”, ocorreu mundialmente.

Em terceiro lugar, há o aumento substancial da classe dos assalariados médios de serviços gerais, que sofrem com a degradação e intensificação do trabalho.

A quarta tendência é a exclusão de jovens e velhos da classe de produção, o que conseqüentemente gera uma onda de desemprego, transformando essas pessoas em um exercício social de reserva.

Por último, as mulheres consolidam-se no mercado de trabalho de forma polivalente, podendo ser ainda mais exploradas, principalmente por conta do recorte de gênero (Antunes, 1999). Por isso, muitas mulheres não conseguem manter-se no mercado formal de trabalho, principalmente quando exercem a maternidade, necessitando muitas vezes empreender.

Diante da atual configuração da divisão sexual do trabalho, ao se inserirem no mercado de trabalho, são as mulheres que lidam com a questão de quem vai cuidar dos filhos e das atividades domésticas. Mulheres com filhos pequenos, que ainda não estão na escola, são as que exibem a maior taxa de desemprego. Isso pode ser efeito de discriminação no mercado de trabalho ou preferência dos empregadores por mulheres com menor carga de responsabilidades familiares e domésticas. Por outro lado, também é possível que a maior taxa de desemprego das mulheres com filhos em idade pré-escolar seja efeito da preferência das próprias mulheres, que colocam maiores restrições para encontrar um emprego aceitável, dado que os custos de oportunidade e o salário de reserva tendem a ser maiores (Guiginski, Wajnman, 2019, p.17).

A partir da flexibilização das leis trabalhistas, os trabalhadores sofrem, fazendo com que haja a prevalência da produção em vez da saúde das pessoas.

2.1 Maternidade e trabalho

Segundo Borges e Diniz (2020) em seu artigo “Motherhood Penalty” ainda persiste a vinculação entre maternidade e uma expectativa socialmente imposta sobre a feminilidade. Em outras palavras, socialmente mulheres são vistas como mães inatas que necessitam ter filhos para se sentirem completas. Quando uma mulher rompe com esse paradigma, a mulher é punida com poucas taxas de

inclusão no mercado e uma pressão social para parar de ser apenas mulher para tornar-se mãe. Essa violência psicológica não tem nenhum aparato de um órgão regulamentador social, o que dificulta sua erradicação.

De acordo com Anita Loureiro de Oliveira (2020), outra maneira de discriminação é desvalorizar o trabalho doméstico, frequentemente atribuído apenas por mulheres. Essa desvalorização encontra justificativa em uma sociedade capitalista, na qual todos trabalhos devem ter um ganho, não necessariamente financeiro. No entanto, ocupações ditas femininas, como o trabalho doméstico realizado por mães que cuidam da casa, têm baixas remunerações ou remuneração nenhuma.

Além de toda insegurança financeira enfrentada pelas mulheres como resultado de sua maternidade, também sofrem uma pressão de consumo exacerbada, o chamado “pink tax”, ou também a taxa rosa. Em outras palavras, artigos voltados para o público feminino tendem a ser mais caros simplesmente por serem voltados para mulheres. Enquanto o mesmo artigo voltado para público masculino acaba sendo barateado. Em resumo, as mulheres acabam recebendo salários menores que os homens e necessitam gastar mais para consumir itens necessários para a manutenção de sua qualidade de vida.

Conseqüentemente, muitas mulheres acabam pensando em novas alternativas de trabalho, já que acabam sofrendo dificuldades em manter-se numa lógica de produção capital que cada vez mais exerce uma pressão para o desenvolvimento das mulheres.

Questões relativas à satisfação das demandas domésticas e do trabalho retornaram fortemente ao cenário das mulheres que trabalham. Conforme Byron (2005), o trabalho está descrito em três demandas: tempo, pressão e comportamento, ou seja, a mulher deve manejar todas essas demandas para que o seu trabalho saia de forma eficiente e equilibrada. No entanto, ao tentar manejar múltiplos papéis, as pessoas não conseguem suprir igualmente a todas as demandas. Assim, as mulheres acabam fazendo uma escolha: dedicar-se à carreira ou à família?

Segundo Edwards (2006), é comum que elas optem por abandonar seus empregos, devido ao aumento do estresse e da ansiedade, e à dificuldade de equilibrar as tarefas de cuidar dos filhos e atender às demandas profissionais.

De acordo com o artigo das autoras Barbosa, Lemos e Monzato (2020), a decisão desse dilema tem resultados divergentes. As mães que priorizam a carreira sentem-se mais estressadas por não estarem presentes nos cuidados dos filhos e em lidar com todas as demandas necessárias, principalmente se os seus filhos ainda estão na idade pré-escolar, o que será o foco desta pesquisa. Além disso, há um julgamento por parte de outras mães em relação ao maternar, criando uma cultura de culpabilização e alimentando o estereótipo de “super-mulher”, ou seja, da figura feminina que consegue explorar potencialmente todos os âmbitos familiares, econômicos e sociais.

Essa construção inconsciente sobre o que é o maternar e como ele deve ser priorizado na vida de uma mulher com filhos é explorado no artigo “Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais” de Tania Vaisberg e Tania Granato (2013). Neste, discute-se a predominância dessa pressão social sobre a necessidade de a mulher priorizar os filhos e conseqüentemente sentirem-se culpadas por colocar outras prioridades como a carreira em segundo plano. Geralmente, esse julgamento pode ser visto no mesmo grupo de convívio feminino, podendo ser julgado por amigas e familiares.

Assim, as mulheres começam a realizar jornadas de trabalhos triplas: o trabalho profissional, a maternidade e o trabalho doméstico. Essa forma de encarar a atividade do lar desconsidera as horas dispensadas em um trabalho demorado, repetitivo, cansativo e desvalorizado. Nesse sentido, as mulheres trabalhadoras, mães de filhos pequenos, que se encontram ativas em suas carreiras profissionais, além de dedicar horas às atividades domésticas, podem se sentir prejudicadas tanto em relação ao seu trabalho como em relação às suas vivências da maternidade (Fiorin *et al*, 2014).

Desse modo, mulheres acabam buscando alternativas de trabalhos autônomos e empreendedores para facilitar o seu maternar e possibilitar uma geração de renda. Dentre elas, podemos citar as economias solidárias que acabam incluindo mães trabalhadoras em sua força de trabalho que são geralmente excluídas desses processos:

Associar-se a outro é uma das formas possíveis de participar da atividade produtiva, obter recursos econômicos e contribuir para a satisfação das necessidades sociais principalmente para segmentos historicamente excluídos da cidadania, como é o caso dos/as sem

escolarização e dos/as trabalhadores/as sem qualificação profissional. Assim, o empreendedorismo, individual ou associativo, é uma das possíveis opções para quem tem de viver do seu trabalho. Nesta modalidade de organização da produção e do labor, quem trabalha é ao mesmo tempo proprietário de seu trabalho e do seu resultado, ainda que nos empreendimentos associativos tenha de reparti-lo com outros/as associados/as” (Anjos, 2018 p. 96).

Nesse formato, a economia solidária torna-se uma alternativa para que mães continuem no mercado de trabalho sem afastar-se da maternidade.

Conforme Savalini, Maciel e Veronese (2023), as mulheres não tinham possibilidades de trabalhar para o mercado de trabalho, sendo muitas vezes relegadas a desempenhar funções domésticas e cuidar dos filhos. No entanto, com as mudanças ocasionadas pela Segunda Guerra Mundial, as mulheres passaram a fazer parte do mercado de trabalho. Na época faltava mão de obra masculina para fomentar a indústria bélica. Além disso, com os homens ausentes por conta do conflito, coube às mulheres suprirem financeiramente a família. No entanto, a garantia de boas qualidades de trabalho não foi assegurada no processo. Era comum mulheres terem salários menores, maior demanda e pouca possibilidade de garantia e manutenção de direitos. Ao final do conflito, houve cada vez uma maior demanda pelos direitos das mulheres em trabalhar e desenvolver-se financeiramente.

Este processo de reivindicação do direito da mulher em trabalhar ocorreu de forma similar no Brasil, segundo Gomes, Freitas e Schmidt (2022). O processo marcou-se no final de 1930, quando houve uma mudança da população do campo para a cidade, por conta do processo de industrialização que estava acontecendo no país. Assim, começou a ganhar força o movimento feminista para que a mulher tivesse a ideia do voto garantido, situação que se consolidou apenas com a constituição de 1934.

Nas décadas seguintes, a população brasileira começou a ser absorvida pelo processo de industrialização fomentado pelo período de conflitos na época, consolidando a situação local. Já em 1960, houve uma tentativa de revogação dos direitos e autonomia conquistados nas décadas anteriores. Nessa época, não era comum incentivar mulheres a estudar ou buscar sua autonomia financeira, fazendo com que muitas fossem obrigadas a ficar dependentes financeiramente de membros masculinos da família.

Por conta desses momentos históricos, houve um aumento significativo da participação das mulheres no mercado de trabalho. Essas pautas foram consideradas feministas, e a partir das próximas décadas as mulheres continuaram a avançar nesse sentido.

Dentro desses avanços um fundamental foi o advento da pílula anticoncepcional nas décadas de 1960 e 1970, já que proporcionou uma liberdade para a mulher ter um melhor planejamento familiar, possibilitando que ela pudesse adentrar com mais facilidade no mercado de trabalho formal de diferentes maneiras. Esse momento foi conhecido como Revolução Sexual, tema pertinente às pautas feministas, pois permitiu que as mulheres tivessem mais controle sobre suas escolhas.

Além disso, na realidade brasileira, grandes marcas viram a possibilidade de expandir seus negócios por meio de revendas de produtos, auxiliando muitas mulheres a conseguirem auxiliar financeiramente em casa, conforme destacado por Gomes, Schmidt e Freitas (2022).

Essas mudanças proporcionaram às mulheres terem um melhor planejamento familiar para repensar o cuidado, embora nem todas se encaixassem no processo de produção tradicional da época.

A partir da década de 1990, surgiu o fortalecimento de uma nova metodologia de trabalho, conhecida como economia solidária, que busca novas maneiras de produção anticapitalista dentro de um sistema que visa o lucro e o acúmulo de capital:

Uma parte do debate e das ações que existem hoje na economia solidária se relacionam com iniciativas construídas a partir dos anos 90 no auge da implementação das políticas neoliberais no Brasil. Em uma realidade marcada por políticas de ajuste estrutural, modernização tecnológica, liberação das importações, diminuição de investimento público nas políticas sociais, a consequência gerada foi o desemprego estrutural. Uma das respostas a essa situação foi a criação de um conjunto de iniciativas de cooperativas e grupos de produção, comercialização e crédito. Em vários países da América Latina, existiam grupos conhecidos como economia popular ou de geração de renda (Butto, Dantas, 2011, p. 41).

Conforme apontado por Butto e Dantas (2011), muitas mulheres tiveram acesso ao mercado de trabalho tendo experiências, mas não necessariamente conseguiram se manter no mercado formal, sendo este particularmente excludente em relação elas. Esta exclusão ocorre pela falta de incentivo por

parte das políticas públicas para a produção do acesso e permanência de mães no mercado de trabalho.

De acordo Correia (1998), há uma confusão entre os conceitos de maternidade e gravidez, embora sejam conceitos divergentes. A gravidez refere-se ao processo biológico da mulher gerar um filho, enquanto o outro é processo sociocultural que engloba diversas modificações no cotidiano e vivências da mulher. Ao longo de diferentes época e sociedade, os conceitos de família e o papel da mulher como mãe variaram significativamente. Com as mudanças sociais, as mulheres começaram a ter a possibilidade de escolher seguir o processo da maternidade fazendo com que a relação de mães e filhos mudasse.

A exigência de uma integração interna harmoniosa entre satisfação profissional, satisfação amorosa e satisfação maternal nem sempre é fácil de conseguir. Considera, portanto, que a mulher dos nossos tempos vive, de um certo modo, em conflito consigo própria. A expressão desse conflito pode surgir, na sua opinião, dos seguintes modos: dificuldade no relacionamento com os filhos, complicações várias na vida fértil ou, tratando-se de um conflito demasiado grave, na total rejeição da maternidade. (Correia, 1998, p. 370).

As mulheres que escolhem a maternidade acabam sendo as responsáveis pelos cuidados primários das crianças, o que vai além das necessidades básicas, como higiene, alimentação e vestimenta. Elas também precisam auxiliar a criança principalmente na fase da primeira infância, o seu desenvolvimento psicossocial, o que pode ser desafiador ao ter de conciliar com o trabalho. Consequentemente, as mulheres ficam sobrecarregadas, sendo muitas vezes cobradas para conseguirem realizar todas as tarefas impostas, tanto no seu trabalho, como em suas vidas pessoais.

Além disso, o processo de cuidar da amamentação pode ser particularmente desafiador para as mães. Frequentemente, o mercado de trabalho não oferece espaços adequados para a realização dessa atividade, ou as ocupações podem ser consideradas perigosas para a presença de crianças. Consequentemente, é comum que crianças parem de ser amamentadas antes do tempo recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) de 6 meses (Rea *et al.*, 1997).

Devido a esses desafios, muitas mulheres acabam saindo dos seus empregos por conta das dificuldades de amamentação. Embora cada vez mais avancem as políticas públicas para a manutenção e inclusão da mulher no mercado de trabalho por meio de uma extensão da licença maternidade para 120 dias e a criação da licença paternidade de 5 dias, conforme Rea e outros

autores (1997), essas medidas acabam por sobrecarregar ainda mais as mães e aumentar a ausência dos pais. Para lidar com a situação, os trabalhadores e trabalhadoras necessitam aliar as suas licenças com as suas férias, (em média de 30 dias) para cuidar dos filhos.

2.2. Economia Solidária e Gênero

Segundo Paul Singer (2003), a economia solidária é um modo de produção que busca a igualdade dos trabalhadores em termos de direitos, onde os meios de produção são posse coletiva dos trabalhadores. Além disso, é marcada pela autogestão, em outras palavras, os empreendimentos da economia solidária são geridos pelos próprios trabalhadores, que utilizam como princípio a democracia para a realização de votações.

Não há distinção entre as funções que os trabalhadores exercem na economia solidária. É importante ressaltar que em cooperativas maiores pode haver uma função especializada para auxiliar na organização, mas devem agir a partir dos fundamentos votados e demarcados pelo coletivo. Isso contrasta com outros empreendimentos, nos quais pessoas especializadas têm uma relação de poder comparada aos demais trabalhadores (Singer, 2007). É comum que diferentes espaços sejam construídos coletivamente, dessa forma, a economia solidária é regida a partir dos princípios de igualdade, união e solidariedade.

Conforme destacado por Andrada (2017), a economia solidária surge como um movimento de resistência diante das condições precárias e vulneráveis enfrentadas pelos trabalhadores. A necessidade de gerar trabalho e renda criou a necessidade de uma nova organização dos trabalhadores, envolvendo práticas políticas e econômicas distintas das convencionais.

Assim, o sentido do trabalho na economia solidária se concentra em prover a subsistência da família e obter reconhecimento social, conforme apontam Magro e Coutinho (2007). No entanto, quando as economias solidárias são orientadas exclusivamente por motivações econômicas, há uma propensão intrínseca a regredir ou até mesmo a desaparecer.

Na maioria das pesquisas percebe-se a economia solidária como a continuidade da discussão da lógica de cooperativismo descrito por socialistas utópicos. Pode-se citar Owen, Fourier e Blanc, estes utilizavam terras comunais

para organização de trabalhos descentralizados e cooperativos (Silva; Oliveira, 2011).

Embora, haja controvérsias com essas comparações compreende-se que esse modelo de trabalho auxiliou no impacto por meio das mudanças estruturais:

Ainda que a comparação entre as experiências cooperativas do século 19 e a ES do final do século 20 seja alvo de controvérsias, o "ressurgimento" de um cooperativismo político-contestador é explicado pela literatura como decorrente das lutas por alternativas às intensas transformações que impactaram as relações de trabalho a partir da década de 1970. (Silva; Oliveira, p.100, 2011).

É nesse período em que há crise taylorista fordista em todo mundo, fazendo com que diferentes países adotem pacotes de austeridade, resultando em aumento de desemprego e problemas sociais. É nesse momento que surgem visões sobre a possibilidade da economia solidária, inicialmente na França e posteriormente se expandindo por diferentes países da América Latina (Silva; Oliveira, 2011)

No Brasil, a economia solidária é marcada por movimentos sociais como Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MTST), a Central Única de Trabalhadores (CUT) e movimentos sociais ligados à igreja, como a Cáritas, conforme os autores Silva e Oliveira (2011) destacam.

É recomendado, portanto, buscar uma harmonização entre a satisfação das demandas econômicas e a consideração dos elementos subjetivos associados às convicções e aos ideais dos trabalhadores. Essa abordagem visa incentivar os trabalhadores a rejeitarem abordagens convencionais para enfrentar questões como o desemprego e a precariedade do trabalho, segundo o autor Ribeiro e Muylder (2004).

Magro e Coutinho (2007) apontam a necessidade de viabilidade dos empreendimentos de economia solidária, ressaltando que é crucial o engajamento dos trabalhadores nesse processo. Quando a economia solidária é imposta por outros grupos, como o Estado, muitas vezes ela se torna inviável. Ademais, os cooperados precisam estar inseridos dentro de redes de outras economias solidárias para que ocorra a formação de relações democráticas dentro da cooperativa. Além disso, necessita-se criar estratégias de estudos para facilitar a inserção dos cooperados no empreendimento solidário.

As mulheres compõem uma grande maioria dentro da economia solidária, uma vez que sofrem diversas exclusões do mercado formal de trabalho (Rubim, 2022). Dessa forma, segundo o autor, percebem as economias solidárias como uma forma de geração de renda em que há a maior inclusão da possibilidade de exercer a sua maternidade. Todavia é importante ressaltar que mesmo em economias solidárias há o aparecimento do discurso do machismo e da exclusão, pois a economia solidária não está deslocada das demandas sociais e coletivas de gênero, conforme Nobre (2003).

A primeira categoria a ser analisada é a divisão sexual do trabalho e ampliação da noção de trabalho. Para isso, pode-se analisar por duas vias: o vínculo social e a relação social, segundo (Nobre, 2003). A teoria de vínculo social defende que há uma parceria entre homens e mulheres em relação às tarefas sociais impostas. Entretanto, é comum que as mulheres estejam em posições sociais mais vulneráveis economicamente e financeiramente, principalmente porque colocam sobre si a responsabilidade e o cuidado com os filhos. Já na categoria de relação social, é discutido como os homens têm uma dominância nas relações sociais de poder, o que faz com que as mulheres não estejam em pé de igualdade nas decisões e cuidados dentro de cooperativas.

Outro ponto a ser considerado é a produção e reprodução do trabalho, onde novamente pode-se observar disparidade de gênero na produção de insumos na economia solidária, pois muitas vezes é comum que mulheres fiquem ausentes para cuidar dos filhos e outros parentes, uma responsabilidade não vista entre os homens (Nobre, 2003)

Por último, é necessário pensar nas contradições da economia solidária por estar inserida em uma economia capitalista, o que novamente pode discutir a violência de gênero com as cooperadas.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral

Compreender os sentidos do trabalho para trabalhadoras que exercem a maternidade em experiências de economia solidária.

3.2. Objetivos específicos

Reconhecer o processo de trabalho em empreendimentos de economia solidária e a maternidade para trabalhadoras.

Identificar potencialidades e limitações da geração de trabalho por meio da Economia Solidária e a geração de trabalho para as mães.

4. MÉTODO

A pesquisa foi conduzida sob uma pesquisa sócio-histórica, sendo, conseqüentemente, qualitativa, com foco nas narrativas que descrevem o sentido do trabalho para mães na economia solidária. Segundo Garcia e Quek (1997), o método qualitativo tem como objetivo analisar recursos e conceitos, criando um ensejo de recortes empíricos.

Foram realizadas entrevistas a partir de um roteiro norteador. Segundo Freitas (2002), as entrevistas em pesquisas sócio-históricas são marcadas pela dimensão social e devem ser analisadas por meio de via dialógica. Afinal, o entrevistado não compartilhará apenas suas experiências individuais, mas também reflete outras dimensões, como gênero, raça, momento histórico, dentre outros.

Além disso, é importante ressaltar o papel do pesquisador dentro da pesquisa sócio-histórica, pois ele desempenha um papel fundamental ao articular as relações a partir da narração dos sujeitos e o seu papel histórico. Portanto, reflete tanto a perspectiva do sujeito como também do meio social no qual está inserido (Freitas, 2002).

Os riscos relacionados à participação na entrevista incluem o estresse decorrente da mobilização ao narrar o dia a dia no trabalho, assim como traumas psíquicos que advêm do desafio da maternidade. Uma escuta atenta foi oferecida para acolher e fornece suporte psicológico aos sentimentos que possam ser desencadeados e a possibilidade de maior elaboração do trauma encapsulado. A entrevista poderia ser interrompida se o participante desejasse, assim como o atendimento possível às suas necessidades. Os benefícios decorreram da experiência de entrar em contato, narrar e refletir sobre o trabalho como forma de autonomia para exercer a maternidade. Dessa forma, as participantes puderam se sentir acolhidas e valorizadas pela participação no estudo.

Todos os cuidados éticos explicitados pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) foram respeitados e explicitados para as participantes durante a realização deste estudo. Para isso, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) foi apresentado, lido e assinado. Além disso, as participantes do projeto foram informadas da possibilidade de tirar as dúvidas

sobre o projeto tanto junto à pesquisadora como junto à orientadora, antes e durante a pesquisa, visando garantir que não existissem dúvidas e em princípio não apresentassem desconfortos e/ou riscos mínimos, e sem o oferecimento de qualquer forma de ressarcimento ou indenização pela participação.

Foram convidadas mulheres-mães inseridas na economia solidária, tendo vivenciado a maternidade, e que estivessem na faixa etária de 18 a 50 anos, possuindo ao menos um filho. As participantes foram escolhidas através da rede de contatos da pesquisadora e contatadas via e-mail ou telefone. O estudo consistiu em três entrevistas semi-dirigidas, com base em uma perspectiva sócio-histórica. Inicialmente, foi aplicado um questionário sociodemográfico, seguido das entrevistas semi-dirigida, conforme sugere Creswell (2014). O primeiro encontro teve como objetivo a leitura e assinatura do termo de consentimento, além da aplicação do questionário sociodemográfico, visando compreender melhor a diversidade das mulheres que trabalham em economias solidárias. Posteriormente, as entrevistas exploraram o sentido do trabalho para mães inseridas na economia solidária. (Anexo 2).

As entrevistadas foram contatadas através da divulgação da pesquisa entre as pessoas envolvidas com o Movimento de Economia Solidária e/ou cooperativas de trabalho. A Cooperativa UNIVENS (Cooperativa de Costureiras Unidas Venceremos) de Porto Alegre (RS) demonstrou interesse em participar da pesquisa. A entrevista semi-dirigida foi escolhida para possibilitar o acesso às informações que possam responder às questões da pesquisa, permitindo também o aparecimento de conteúdos que a própria participante julgasse necessário, mas que não haviam sido questionados inicialmente. Os temas centrais da entrevista incluíram o trabalho na economia solidária, a maternidade e o significado do trabalho. As entrevistas foram realizadas por meio de videochamadas.

Após a conclusão da etapa de coleta de dados, procedeu-se à compreensão do conteúdo obtido, utilizando o estabelecimento de categorias discutidas previamente com a professora orientadora, para análise das informações provenientes das entrevistas semi-dirigidas. Dessa forma, foram delineados eixos temáticos, inicialmente correspondentes aos temas propostos

durante as entrevistas, seguidos pela análise de novos temas surgidos durante o desenvolvimento do estudo.

Em seguida, o material coletado foi submetido a sucessivas leituras do conteúdo coletado, incluindo não apenas o conteúdo verbal, mas também as manifestações corporais e linguísticas, que podem ser pausas prolongadas, visando, o acesso a uma gama mais ampla de conteúdo. Ademais, as observações do pesquisador, enquanto participante da pesquisa, foram incorporadas à análise. Todo o material foi analisado sob a perspectiva teórica da Psicologia Sócio-histórica conforme preconizado por Bock, Gonçalves e Furtado (2001).

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP de número 76622723.0.0000.5482.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

As entrevistas foram conduzidas com três mulheres inseridas em uma cooperativa de economia solidária vinculada à Rede Justa Trama, especializada na produção agroecológica da produção do algodão.





Essa Rede baseia-se em uma produção a parte de várias associações e cooperativas espalhadas por cinco estados, contando com o envolvimento de mais de 600 pessoas em toda a cadeia produtiva. Os elos de trabalho incluem pequenos agricultores no Ceará e Mato Grosso do Sul, coletores de sementes em Rondônia para produção de biojóias e botões, além de fiadores, tecedoras e costureiras em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul.

O principal objetivo da Rede é a produção de justiça social, fornecendo produtos agroecológicos e materiais de alta qualidade para o comércio justo, conforme descrito no site da Justa Trama e o relato das entrevistadas.

A Cooperativa de Costureiras Venceremos (UNIVENS), localizada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, foi fundada na década de 1990 sendo uma pioneira na região Sul e, conseqüentemente, no Brasil.

A UNIVENS integra a cadeia produtiva do algodão agroecológico em que cada empreendimento solidário é responsável por uma etapa da produção, sendo a marca Justa Trama a integração da cadeia do algodão agroecológico, ecológica, sustentável, parte da economia solidária, com trabalhadores(as) em empreendimentos organizados. Os empreendimentos que fazem parte da cadeia produtiva trabalham nos preceitos da economia solidária e comércio justo. São cerca de 600 trabalhadores em cinco estados do Brasil, garantindo renda para pequenos agricultores de algodão no Ceará e Mato Grosso do Sul, coletores de sementes em Rondônia para botões ou biojóias, fiadoras e tecedoras em Minas e costureiras no restante da rede no Rio Grande do Sul (Justa Trama, 2024).

A UNIVENS se dedica à costura, tingimento de tecidos e serigrafia como propostas de trabalho realizadas pelas cooperadas. Os produtos desenvolvidos na economia solidária incluem uma variedade de itens, como ilustrado nas figuras abaixo:

<p>Figura 1 – Camiseta</p> 	<p>Figura 2- Ecobag</p> 
<p>Figura 3 – Marca (logo)</p> 	<p>Figura 4 – Jogo de cama</p> 

Fonte: Site Justa Trama

5.1 Apresentação das entrevistadas

Kátia¹, 37 anos, residente em Porto Alegre, compartilha sua casa com seu esposo e três filhos. Dois deles são adolescentes, com respectivamente 12 e 13 anos, enquanto a caçula tem 4 anos. Kátia estudou até o Ensino Médio, mas não finalizou os estudos formais. Ao longo de sua trajetória, adentrou no mercado de trabalho em diferentes setores, incluindo auxiliar de cozinha, limpeza, recepcionista, entre outras funções.

Rosa, de 50 anos, trabalha na UNIVENS como artesã. Além disso, é membro de outra associação de economia solidária na sua cidade de origem, inserida na Ecosol. Em sua residência, vive a irmã, seu marido e seu filho de 17 anos. Rosa finalizou o Ensino Médio e trabalhou por muitos anos como representante comercial de uma empresa nacional.

Sueli, de 60 anos, está inserida na UNIVENS e na rede Justa Trama há cinco anos. Vive com sua família, composta por suas duas filhas, uma de 17 anos e outra de 21 anos. Ela possuiu formação até o Ensino Médio incompleto e ingressou no mercado de trabalho inicialmente como autônoma, atuando como

¹ Os nomes são fictícios para preservar a identidade das cooperadas.

cabeleireira, vendedora e representante comercial. Atualmente, trabalha na área de serigrafia, tingimento de tecidos dentro do contexto da economia solidária.

5.1.1 A inserção nos empreendimentos de economia solidária

Apesar das experiências diversas das entrevistadas, percebe-se a repetição dos atos de cuidado e auxílio dentro da cooperativa especialmente em relação ao cuidado com os filhos. Além disso, há um receio com o futuro do mercado de trabalho na economia solidária e uma valorização afetiva do trabalho dentro da economia solidária.

Entre as entrevistadas, há relatos de experiências diferentes em sua entrada na economia solidária. Uma delas descobriu esse universo por meio de uma outra trabalhadora já inserida nesse meio. Por outro lado, outra participante da pesquisa já havia trabalhado dentro da economia solidária e optou voltar devido à qualidade de vida proporcionada pelo ritmo de trabalho, incluindo a autonomia e a possibilidade de tomadas de decisões coletivas.

Já a última entrevistada buscava novos formatos de trabalho que permitissem ter maior autonomia para cuidar do filho e promover bem-estar. Nesse sentido, o trabalho escolhido foi o de artesã, pois ela consegue ter liberdade para realizar a sua jornada de trabalho.

Então, eu pensei muito nisso. Eu digo, não, eu não quero ser, de novo, aquela mulher sem apoio e deixar o filho sozinho para trabalhar. Então, eu decidi ter mais aquela profissão, o que eu a fazia, eu tirei carteira de artesã, né, um pouco antes (...) E aí, com a minha nova profissão, eu poderia estar com o meu filho. Mesmo participando de loja tudo, eu sempre tinha uma amiga, eu botava nos horários, né, eu consegui conciliar isso, depois ele foi para a escola e eu consegui conciliar, porque aqui nós temos um trabalho colaborativo, né? (Rosa, artesã, 50 anos)

Então, eu disse prá ti que foi a convite de uma vizinha que trabalha há 17 anos aqui, né? Então ela foi levando devagarinho pra gente lá em casa o que que era economia solidária, o que que era trabalhar na cooperativa, né? E como eu já tinha alguma certa idade, já tinha lá os meus cinquenta e poucos, eu disse, eu vou tentar. Eu tentei, é muito diferente do que eu estava acostumada, né? E aí eu me identifiquei, eu gostei muito, eu adorei, eu adoro trabalhar aqui. (Sueli, artesã, 60 anos)

E aí, como é muita falta de costureira, eu disse, vamos, vou falar porque eu já tinha trabalhado na cooperativa antes, né? Todo mundo me conhece ali. E aí, logo em seguida, entrei para a costura. E tem um tempo, quase dois meses, que aí abriu a vaga na serigrafia. E aí, como eu já trabalhei ali no... Quando eu trabalhei em 2013, eu trabalhava nos pós, eu trabalhava na costura. Eu disse, não, a N., a roupa é nova, vamos aprender mais coisas, né? (Katia, artesã, 37 anos)

As cooperativas da economia solidária geralmente abrigam membros em uma situação social mais vulnerável, muitas vezes desempregadas e recorrendo a diversos ao trabalho informal para garantir sua entrada no mercado de trabalho. (Kuyven *et al*, 2020). Além disso, o tempo de permanência da economia solidária é um ponto importante para entender a sua dinâmica, tanto que é estudada por diversos autores, em cooperadas já envolvidas há vários anos existe um forte laço de união feito pelos outros trabalhadores. É importante ressaltar que a economia solidária foi apresentada pelas trabalhadoras por meio de pessoas conhecidas ou políticas públicas.

Os estudos de Silva e Oliveira (2011) apontam que as cooperadas veem que a origem das economias solidárias está relacionada à necessidade entrar no mercado de trabalho para conseguir conciliar com a maternidade. Entretanto, é importante notar, a grande presença de políticas públicas para fomentar o desenvolvimento da UNIVENS, como exemplo, durante o período em que o PT governou o Estado do Rio Grande do Sul (1999-2002), houve um significativo direcionamento de recursos para promover a economia solidária. Isso implicou, inicialmente, na suspensão de políticas adotadas por administrações anteriores, como a concessão de incentivos fiscais para empresas multinacionais e a privatização de órgãos públicos. Posteriormente, foi implementado o "Programa de Economia Popular e Solidária", que foi integrado à principal Secretaria Estadual responsável pelo desenvolvimento econômico (Santos, 2006).

Ao entrar na economia solidária, ocorre a formação de rede de produção e consumo solidárias, fortalecendo assim a rede econômica dos sujeitos. Esse processo não só contribui para geração de renda, mas também promove a justiça ambiental, conforme pontuado por Veronese (2009).

No caso, da UNIVENS verifica-se o fortalecimento da concepção de sustentabilidade ambiental em virtude da proposta inovadora de geração de trabalho e renda em razão que seu processo produtivo envolve vários empreendimentos de economia solidária numa mesma produção de algodão agroecológico e produtos provenientes desta matéria-prima (Justa Trama, 2024).

5.1.2 A maternidade vivenciada na economia solidária

Durante as entrevistas, as participantes relataram como a coletividade entre as mulheres na economia solidária as auxilia na produção contínua de artesanato, mas sem renunciar ao cuidado dos filhos. Relataram a importância de terem políticas públicas para promover a permanência de mulheres trabalhadoras por meio de creches e ressaltaram a expansão da rede de apoio mútuo entre as mulheres na economia solidária de diferentes maneiras.

Nesse contexto, durante as entrevistas percebeu-se a importância de políticas públicas para cuidar das mães. Um exemplo disso, são as creches.

Por isso que mães e mulheres donas de criança procuram falar com a gente exatamente por isso. Pela facilidade. Se tu tiver que sair em função do filho, não tem problema. As outras continuam. (...) Mas tivemos aqui na cooperativa. Mães que tiveram crianças pequenas, tiveram que colocar na creche. Tem uma creche aqui da comunidade, onde também a N. dá um grande apoio. (Sueli, artesã, 60 anos)

Então, ali, como o meu horário ali era sete da manhã, eu tinha a minha menina prá levar às oito pra creche, então eu ia, trabalhava, puxava a rua, pegava ela, levava na creche, e voltava, né? (...) O filho sempre é da mãe, né? (Katia, artesã, 37 anos)

O que mais me marcou foi o apoio do meu grupo quando eu precisei. Eu trabalhei até dois dias antes de dar à luz. Então, todo o tempo que eu precisei ficar com meu filho, eu tive o apoio dos meus colegas da equipe. Eu pude tirar o meu tempo, eu não precisei me comprometer a trabalhar fisicamente. (Rosa, artesã, 50 anos)

Os depoimentos mostram como a mulher é colocada como cuidadora primária dos filhos, resultando em acúmulos de funções como trabalhar, cuidar dos filhos e cuidar primariamente dos serviços domésticos, o que corrobora conforme a teoria de Bourdieu (2005) sobre a dominação masculina, na qual as estruturas sociais perpetuam e reforçam a subordinação das mulheres, relegando-as a papéis tradicionalmente associados ao lar e à família, enquanto os homens mantêm o poder e o controle em esferas mais públicas da sociedade.

Dessa maneira, as mulheres são forçadas a priorizar a família em detrimento do seu trabalho, o que faz que elas vejam na economia solidária, uma alternativa que oferece maior flexibilidade em escolher seus turnos de trabalho. Outro fator importante é a possibilidade de ausentar-se para cuidar dos filhos. Fernandes (2021), define a sororidade feminina como uma união entre mulheres de forma política. Assim, esse conceito opõe-se à rivalidade feminina praticada dentro do sistema do patriarcado. Essa sororidade é evidente na UNIVENS, onde as

mulheres se apoiam mutuamente, especialmente em situações relacionadas ao cuidado dos filhos.

Além disso, percebe-se a importância de políticas públicas voltadas para as mães, como a licença maternidade, a implementação das salas de apoio à amamentação no local de trabalho (Ministério da Saúde, 2015), a disponibilidade de vagas em creches, o ensino integral, dentre outras. Essas medidas tornam-se uma política pública feminista, já que ao terem a possibilidade dos seus filhos estarem na creche, a mulher consegue ter um melhor acesso ao mercado de trabalho, sem perder muitas vezes a sua autonomia financeira, contribuindo para política de igualdade de gênero (Marcondes; Farah, 2018).

Na economia solidária, o cuidado emerge como uma dimensão essencial, que se manifesta no bem-estar do indivíduo, do coletivo e até mesmo da natureza, o que possibilita uma rede de permanência e acesso em garantia de direitos (Veronese, 2009). O cuidado com o outro fica evidente pela maternidade de cada entrevistada, em que cada escolha foi feita para priorizar seus filhos. Assim como, o próprio coletivo de mulheres da UNIVENS tratou de apoiar e cuidar uma das outras.

5.1.3 Desafios no trabalho na economia solidária

As entrevistadas relataram diversos desafios enfrentados ao trabalhar na economia solidária, especialmente em relação ao mercado de trabalho ser bem competitivo e desafiador.

As dificuldades referem-se à ampliação dos pontos de venda, em conseguir vender os artesanatos e divulgar os produtos, o que impacta diretamente na rentabilidade. Além disso, adaptar-se ao modo de produção de economia solidária pode ser dificultoso para quem estava acostumado com a lógica de trabalho nas empresas capitalistas, em que um próprio detém o capital e os meios de produção.

Referiram que nos últimos anos o custo de vida está maior, levando-as a perceberem a necessidade de terem mais pontos de economia solidária. Também é necessário promover-se por meio de mídias *online*, tanto para as pessoas compreenderem como funciona esse tipo de trabalho quanto para aumentar a divulgação dos produtos feitos pelas trabalhadoras.

Outro ponto importante, é sobre o momento em que as economias solidárias estão com menor número de vendas, já que muitos eventos abalaram a sua estrutura como é o caso da pandemia, que prejudicou o desenvolvimento das feiras que promovem os produtos, apesar do acesso crescente a políticas públicas, ainda há dificuldades em conseguir ter possibilidades de pontos de venda.

A gente só precisava ter mais pontos de venda. Mais pontos de venda. Mais emprego. Um plano, uma mídia digital... (Rosa, artesã, 50 anos)

Agora, o que eu vou te dizer em questão de desafio? É completamente diferente, é bem isso. Completamente diferente de tu entrar numa empresa, trabalhar, cumprir a tua jornada de trabalho durante o dia, receber o teu salário e pronto, né?" (Sueli, artesã, 60 anos)

Além disso, as artesãs relatam preocupação com o futuro, especialmente em relação à dificuldade em se aposentar, por consequência, dificultando o sustento quando pararem de trabalhar.

Ah, muitas vezes. A gente sempre pensa, né? A gente sempre pensa, meu Deus do céu, o que vai ser do nosso futuro? Como que eu vou me aposentar? O que vai ser? O nosso dia de amanhã, né? A gente não tem... O artesão, ele não tem essa segurança. Ele não tem esse ponto de reserva. É muito difícil. Hoje não existe aposentadoria para artesã. O artesão se aposenta como? Ele trabalha uma vida toda, até... A empresa não é livre dessa maneira. A empresa não é livre como um trabalhador, né? (...) Trabalha tanto quanto, ou mais do que qualquer outro. A diferença é que a gente trabalha em casa e trabalha muito mais. Sim. E que nosso dinheiro é picado e ele também não aparece (Rosa, artesã, 50 anos).

Os trechos corroboram com as ideias de França Filho (2007), destacando que as economias solidárias são alimentadas e constituídas pelos participantes nelas inseridos. Entretanto, apenas os participantes não são suficientes para a constituição da economia solidária, sendo necessário uma rede de cuidados por meio de políticas públicas relacionadas ao trabalho e incubadoras de projetos de economia solidária.

Além disso, a economia solidária é caracterizada por trocas que vão além do dinheiro, fazendo parte de um leque de opções da economia popular, embora não seja a única (França Filho, 2007). Contudo, a geração de renda enfrenta desafios consideráveis, o que gera insegurança para os trabalhadores.

A pandemia afetou significativamente os empreendimentos de economia solidária, dificultando o acesso a políticas públicas de expansão e cuidado. De

acordo com Araújo e Junior (2020), houve uma diminuição no apoio das políticas públicas e, conseqüentemente, na expansão de diferentes pontos.

E a vida depois da pandemia é outra. A gente fazia muitos eventos, a gente fazia feiras logo. A gente tinha uma organização. Depois, depois da pandemia, tudo mudou. (...) O maior desafio é te manter no mercado, te produzir algo que te dê uma rentabilidade (...) O foco comercial, isso é muito difícil também, né, hoje em dia. (Rosa, artesã, 50 anos)

Embora não tenha sido relatada pelas participantes, é comum que as economias solidárias enfrentem desafios relacionados à autoridade compartilhada, conforme apontado por Veronese (2009), já que a desigualdade nas relações de poder é intrínseca, tanto coletivamente quanto entre os sujeitos, levando a dificuldade de adaptação e relacionamento na economia solidária. Algumas vezes quem tem uma maior eloquência pode assumir papéis de liderança, criando relações desiguais. No relato das cooperadas houve comentários de algumas vezes terem diálogos em pontos que não convergiam mas não sentiam desrespeitadas. Para Veronese (2009), essas relações de poder apareciam em cooperativas mistas em que havia tanto mulheres quanto homens em diferentes funções. Já as trabalhadoras são de uma cooperativa de apenas mulheres diminuindo situações de silenciamento.

5.1.4 As potencialidades em trabalhar em uma economia solidária

Durante os relatos, as participantes enfatizaram a importância de terem liberdade e autonomia para exercerem seus trabalhos na economia solidária. Além disso, dentro das economias solidárias há um maior apoio para as mães exercerem a sua maternidade sem terem medo de perder o trabalho, pois a ideia de produção está presente no coletivo, e não de forma individual.

As trabalhadoras operam de forma horizontalizada e decidem tudo conjuntamente, o que reduz a competitividade entre elas. Durante as entrevistas, foi comum observar as mulheres substituírem umas às outras, quando necessário.

Porque tu acaba passando mais tempo aqui dentro da cooperativa. Com elas, com as colegas todas. Do que na tua própria casa, né? E já houve casos em que algumas saíram por diferentes motivos e não aguentaram. Voltaram. (Sueli, artesã, 60 anos)

Em contrapartida, a gente tem um grupo, né? O grupo nos apoia muito. Principalmente na economia solidária (...) então, não posso ir naquele

dia (na loja) por algum motivo. Eu tenho uma colega que pode ir. (Rosa, artesã, 50 anos)

Os trechos das entrevistas corroboram a ideia de Araújo e Fahd (2022) de que a economia solidária é um espaço seguro onde as mulheres se unem para fomentar seu trabalho e desenvolver espaços de cuidado, no caso, a produção de artesanato sendo a fonte de renda para famílias. Percebe-se como a autonomia emerge e se desenvolve em meio a um emaranhado de relações de poder, entrelaçada por diversas contradições. Esse processo não se origina de um centro único, mas sim de um entrelaçamento dinâmico de práticas e relações em constante construção (Araújo, Fahd, 2022).

5.1.5 As experiências de trabalho anteriores à entrada na economia solidária

As entrevistadas relataram terem desenvolvido diferentes tipos de trabalho antes de adentrarem na economia solidária. Algumas atuavam como autônomas, enquanto outras trabalhavam em empresas. Durante seus relatos, mencionaram a falta de flexibilidade e autonomia para realizar suas atividades laborais. Além disso, descrevem os ambientes de trabalho das quais elas fizeram parte como predominantemente machistas, o que as fazia sentir desconfortáveis em serem elas mesmas. Era comum que elas sofressem diversas violências e tentativas de esquivar-se de conflitos.

O mundo corporativo é muito violento. A gente tem que evitar muito. E até porque, como é um ambiente masculino, uma mulher, quando está nesse meio, ela tenta trabalhar bem, mas evitar brigas. Ela não pode mostrar fraqueza. Senão, ela vai ser sempre inacreditável, sempre para fora. (...) Ah, sim. Se eu tivesse, eu... Lógico que foi por um trabalho físico sim, né? Eu não poderia viajar. O meu outro trabalho me exigia isso, né? (Rosa, artesã, 50 anos)

Nós podemos nos entender como mães. Empresa não. Tem aquela coisa de ter que cumprir aquela carga horário. Tem aquele desconto. Faltou, vai perder o feriado. (Sueli, artesã, 60 anos)

O mercado de trabalho tradicional apresenta uma rigidez que contribui para a divisão sexual do trabalho, dificultando sua quebra ao colocar sobre as mulheres a responsabilidade pelo cuidado dos filhos. Aliado a isso, o mercado de trabalho acaba tendo atitudes machistas que contribui para uma piora da saúde mental de mulheres e levando à sua saída. (Venturi, Godinho, 2024)

As mulheres muitas vezes adiam o desejo de ter filhos por conta da realização profissional, conforme pontuam Maluf e Kahhale (2010). As

entrevistadas confirmaram essa condição, pois foi necessário escolher a economia solidária para conseguir maternar com uma maior rede de apoio. Afinal, as empresas mantinham práticas dificultadoras para exercer a maternidade, como por exemplo, viagens frequentes ou dificuldades de ausentar-se, o que tornava a conciliação com a maternidade dificultosa.

5.1.6 O sentido do trabalho na economia solidária

As entrevistadas relataram de formas diferentes os mesmos sentidos do cuidado da economia solidária. Trabalhar, nesse contexto, foi um modo de conseguir prover financeiramente suas famílias, sem a necessidade de sacrificar sua presença junto com os filhos.

Além disso, destacaram outro sentido de coletividade e a união presentes no dia-a-dia da economia solidária. Uma característica importante, conforme apontado pelas entrevistadas, é a possibilidade de ter flexibilidade para escolher os horários trabalhados, comparado a outros empregos.

Gosto do trabalho que faço. E não pretendo mudar. Gosto da liberdade que a gente tem aqui. Tanto pra trabalhar, desempenhar as funções que a gente desempenha aqui. (Rosa, artesã, 50 anos)

Empresa tem aquela coisa que tem que bater o cartão. Tem que cumprir aquele horário. Uma coisa que pra nós aqui é flexível. Se tu tiveres que sair em função do filho, não tem problema. As outras continuam. Tem essa flexibilidade de fazer isso também (Sueli, artesã, 60 anos)

Conforme Morin (2001), o sentido do trabalho modifica-se a partir do tipo de atividade que está sendo desenvolvida, levando em consideração tanto as condições de emprego quanto o próprio trabalho. Esse discorre que as condições de emprego incluem segurança, saúde, processos adequados, salário adequado, estabilidades e vantagens no emprego. Já no âmbito do trabalho em si, estão presentes aspectos como autonomia, realização pessoal, desafios, contribuição social para um futuro desejável.

Para as cooperadas, o trabalho apresenta riscos mínimos à saúde, oferece segurança durante as atividades e é realizado de forma comunitária, o que faz com que haja união entre elas. Como não há um processo seletivo e tudo deve ser feito coletivamente há estabilidade das trabalhadoras para exercerem a sua maternidade sem se preocupar em demissões ou sofrerem represálias no ambiente de trabalho. Embora não ofereçam os mesmos benefícios das

empresas tradicionais, as cooperadas valorizam a qualidade do dia-a-dia e a convivência com as outras cooperadas.

No que diz respeito ao trabalho em si, as costureiras da UNIVENS relataram sentir uma realização pessoal em continuar trabalhando mesmo tendo filhos, além de desfrutarem de autonomia para criar projetos, uma vez que todas têm a mesma voz nas assembleias. Além disso, sentem que estão contribuindo para um mundo mais justo por meio de uma rede de moda sustentável.

Além das categorias mencionadas, a economia solidária utiliza o sentido de solidariedade e emancipação do trabalhador. Enquanto as crises econômicas colocam o trabalhador em uma posição mais vulnerável tanto socialmente quanto economicamente. Neste sentido, Veronese (2009) destaca que na economia solidária cada indivíduo tem igualdade de participação nas assembleias, o que os coloca em pé de igualdade, promovendo a linguagem da equidade.

Considerando que este estudo buscou reconhecer a experiência de mães trabalhadoras em empreendimentos de economia solidária, as entrevistadas revelam as articulações entre trabalho, gênero e classe social para compreender a dimensão da maternidade e outras condições de vida. Neste sentido, as autoras demonstram que a ação cotidiana das cooperadas reverbera na ação social e política, conforme segue:

A rede revelou-se dialeticamente como organização de trabalho, cujo fim é gerar renda, e como organização política, de resistência ao modo de produção capitalista. Concluiu-se ainda que a política, no cotidiano da autogestão da rede, pode ser entendida como trabalho. E o trabalho, por sua vez, pode ser tomado como objeto da prática política dos trabalhadores. (Andrada & Sato, 2014, p.3)

6. EVENTOS AMBIENTAIS ATINGEM A JUSTA TRAMA

Em 27 de abril de 2024, o estado do Rio grande do Sul, incluindo a cidade de Porto Alegre e outras, foi atingido por alagamentos sem precedentes na história do Estado. Diante do ocorrido, a pesquisadora entrou em contato com as entrevistadas que relataram terem sido atingidas pelas enchentes em suas residências e na sede da UNIVENS.

O local onde estava instalada a UNIVENS e o Banco Comunitário Justa Troca, outro empreendimento solidário, foi fortemente atingido por toda inundação.

As imagens abaixo revelam em parte a situação da cidade de Porto Alegre e região metropolitana. Quase 90% das cidades do RS foram atingidas pelas fortes chuvas e 441 municípios afetados (Agência Brasil, 2024). Os danos são ambientais e sociais. Foram afetadas Edificações e população, estações de Tratamento de Água, a infraestrutura de ensino municipal, estadual e federal e de saúde (clínicas de família, unidades básicas e farmácias populares), além de praças, parques e km lineares de vias públicas.

Figura 5 – Regiões alagadas no Sul



Figura 6- Ruas alagas em Porto Alegre



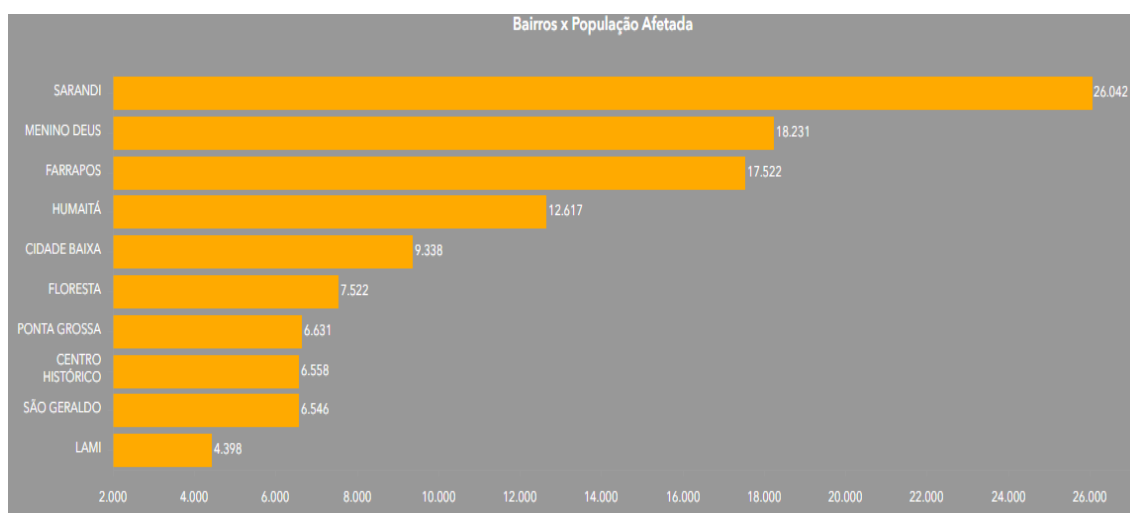
Fonte: MetSul – Galeria de fotos (2024)

A Cooperativa UNIVENS e o Banco Comunitário Justa Troca estão instalados no bairro Vila Nossa Senhora Aparecida, Sarandi, Zona Norte da cidade. O gráfico abaixo mostra que a região onde estão localizados os empreendimentos solidários da Justa Trama foi o mais atingido da cidade de Porto Alegre.

As entrevistadas relataram que muitas cooperadas perderam suas casas e insumos para o desenvolvimento dos trabalhos, além de enfrentarem a ausência

de água e energia elétrica. Embora estivessem seguras em casas de parentes, todas enfrentam um sofrimento psíquico decorrente pelo desastre ambiental.

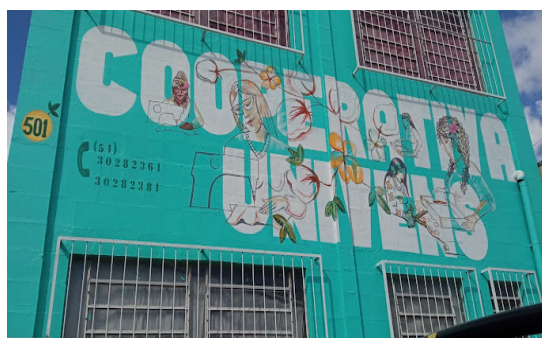
Gráfico 1 – Bairros x População afetada



Fonte: Extraído do site da Prefeitura de Porto Alegre (2024).

A Cooperativa UNIVENS e o Banco Comunitário Justa Troca atualmente estão atuando no auxílio à comunidade afetada pelas fortes chuvas, alagamentos e o frio que atinge a região.

Figura 7 – Cooperativa Univens



Fonte: Facebook (2024)

Figura 8 – Logo do Banco Comunitário



Diante dos valores de união, coletividade, solidariedade e emancipação, a Rede Justa Trama está atuando para proporcionar o encaminhamento de insumos às pessoas afetadas. Esse evento destacou que mesmo em situações adversas é por meio do coletivo que se promove o cuidado e bem-estar coletivo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender como as mulheres, inseridas na economia solidária, conciliam a geração de renda com a maternidade. As três entrevistadas referiram que a participação no empreendimento de economia solidária facilita a permanência no trabalho e o cuidado com os filhos.

As trabalhadoras relatam que o trabalho na economia solidária tem um forte sentido de união e cuidado. Cada cooperada apoia-se nas outras quando precisam de auxílio, principalmente quando precisavam ausentar-se.

As adversidades da economia solidária incluem a sustentabilidade econômica do negócio, deste modo identificam a necessidade do uso limitado de mídias digitais para divulgar o trabalho e a dificuldade de expansão dos pontos de economia. Relataram dificuldade em relação às incertezas quanto à aposentadoria pela ausência de políticas públicas neste sentido para as cooperativas. A falta de conhecimento sobre a economia solidária na população em geral também representa um desafio.

Por outro lado, as potencialidades da economia solidária referem à saúde das trabalhadoras, priorizando a coletividade e bem-estar. Um outro modo de experienciar a saúde, na condição de mães trabalhadoras e no cuidado dos filhos, se expressa no dia a dia e impacta diretamente as próximas gerações.

O sentido do trabalho para mães inseridas na economia solidária revela o pertencimento, a cooperação, os desafios da aprendizagem e a ajuda cotidiana. A experiência de cada cooperada constitui um modo de produzir subjetividade, identidade e cultura. Reverbera nos espaços familiares, na comunidade e no território, portanto de outros tipos de relações sociais (comunitárias, sindicais, políticas) são experimentadas no fazer cotidiano.

A pesquisa contou a participação de três entrevistadas integrantes de uma cooperativa, portanto revela um olhar específico e circunscrito a experiência daquele local. Neste sentido, novos estudos poderão ser realizados para ampliar a compreensão do trabalho das mães na economia solidária, inclusive enfocando a participação dos homens. Ademais, sugere-se o aprofundamento de pesquisas para compreender melhor certos pontos específicos, como o desenvolvimento de políticas públicas para cooperadas na economia solidária após a aposentadoria.

Andrada e Esteves (2017), nos aludem a potencialidade das experiências como da UNIVENS em reorganizar os modos de viver, a vida comunitária e o trabalho. Por fim, reconhecer a construção de outro mundo possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

AGÊNCIA BRASIL. Quase 90% das cidades do RS foram atingidas pelas fortes chuvas. 10 mai 2024. **Agência Brasil** – Brasília. Disponível em: [https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/quase-90-das-cidades-do-rs-foram-atingidas-pelas-fortes-chuvas#:~:text=At%C3%A9%20o%20momento%2C%2044%20cidades,sexta%20feira%20\(10\)](https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/quase-90-das-cidades-do-rs-foram-atingidas-pelas-fortes-chuvas#:~:text=At%C3%A9%20o%20momento%2C%2044%20cidades,sexta%20feira%20(10).). Disponível em Acesso em: 25 mai 2024.

ANDRADA, Cris F. Narrativas de resistência no mundo do trabalho: um estudo psicossocial em andamento sobre as origens da Economia Solidária brasileira. **CIAIQ**, v. 3, p. 5, 4 jul. 2017. Disponível em https://www.academia.edu/79468481/Narrativas_de_resist%C3%Aancia_no_mundo_do_trabalho_um_estudo_psicossocial_em_andamento_sobre_as_origens_da_Economia_Solid%C3%A1ria_brasileira Acesso em: 7 maio. 2024.

_____, Sato, Leny. Trabalho e política no cotidiano da autogestão: a rede Justa Trama. **Psicologia & Sociedade**, v. 26 (n. spe.), p. 3-13, 2014.

_____.; ESTEVES, Egeu G. Sonho, história, loucura? Economia Solidária: um movimento de resistência no mundo do trabalho. In Emerson F. Rasesa; Maristela de S. Pereira & Dolores Galindo (Orgs.), **Democracia participativa, estado e laicidade: psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção**. ABRAPSO, p. 169-187, 2017.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. Boitempo Editorial, 2015.

ARAUJO, Alcione Lino; FAHD, Plínio Gonçalves. Economia solidária e os desafios do empreendedorismo feminino rural: um estudo de caso na Associação das Colônias. **P2P E INOVAÇÃO**, Rio de Janeiro, RJ, v. 9, n. 1, p. 29–49, 2022. DOI: 10.21721/p2p.2022v9n1.p29-49. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/6079>.. Acesso em: 7 mai. 2024.

BARBOSA, Luciana Oliveira; BIZARRIA, Fabiana Pinto de Almeida; BARBOSA, Flavia Lorenne Sampaio; GUIMARÃES, Simone Costa. **Liderança feminina em contexto de economia solidária** – o caso da feira agroecológica e cultural de mulheres no Butantã. *Conjecturas*, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 613–636, 2022. DOI: 10.53660/CONJ-713-A10. Disponível em: <https://www.conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/713>. Acesso em: 1 mai. 2024

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (orgs.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001. 224 p.

BORGES, Karolina; DINIZ, Maria Eduarda. A visão do trabalho remoto em relação ao fenômeno do “Motherhood Penalty”: uma nova consequência em meio a pandemia. **IX Seminário de Pesquisas FESPSP - “Desafios da pandemia: agenda para as Ciências Sociais Aplicadas”**, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BUTTO, Andrea. **Políticas para as mulheres rurais: Autonomia e cidadania**. Ministério do Desenvolvimento Agrário, Brasília, p. 11-34, 2011. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.iica.int/bitstream/handle/11324/6967/BVE18040146p.pdf?sequence=1&is>. Acesso em 5 fev.2024

BYRON, Kristin. A meta-analytic review of work–family conflict and its antecedents. **Journal Of Vocational Behavior**, [S.L.], v. 67, n. 2, p. 169-198, out. 2005. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jvb.2004.08.009>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0001879105000187?via%3Dihub>. Acesso em: 9 abr. 2024.

CORREIA, Maria de Jesus. Sobre a maternidade. **Análise psicológica**, v. 16, n. 3, p. 365-371, 1998. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/277823731_Sobre_a_maternidade. Acesso 24 de fev. de 2024

CRESWELL, Jonhn. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. 3 ed. ARTMED. Porto Alegre, 2014.

DAL MAGRO, Márcia Luíza Pit; COUTINHO, Maria Chalfin. Os sentidos do trabalho para sujeitos inseridos em "empreendimento solidários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 703-711. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/qGfXs6N4kKXCjxGJ9YbwpJK/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 1 mar. 2024.

EDWARDS, Michele Celeste. The role of husbands' supportive communication practices in the lives of employed mothers. **Marriage & Family Review**, v. 40, n. 4, p. 23-46, 2006. Disponível em: https://journals.scholarsportal.info/details/01494929/v40i0004/23_trohscitloem.xml&sub=all Acesso em: 25 de fev. 2024

FERNANDES, Evelyn Blaut. Morte ao patriarcado: fraternidade, irmandade, sororidade. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 1, n. 63, p. 1-10, dez. 2021. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/18094449202100630009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/kzKGbt3svhfMHF96CNrVSnJ/?lang=pt> Acesso em: 7 fev. 2024.

FILHO, Genauto Carvalho de. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 155–174, 2007. DOI: 10.15448/1984-7289.2007.1.2041. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/2041>. Acesso em: 7 maio. 2024.

FIORIN, Pascale Chechi; DE OLIVEIRA, Clarissa Tochetto; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 15, n. 1, p. 25-35, agos. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000100005. Acesso em 23 fev.2024

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho. Considerações sobre um marco teórico-analítico para a experiência dos Bancos Comunitários. **Gestão Social**, p. 117, 2007. Disponível em: https://gestaosocial.paginas.ufsc.br/files/2011/07/Livro-1-Cole%C3%A7%C3%A3oEnapegsV1_Gest%C3%A3oSocialPraticasDebatesTeoriasConstru%C3%A7%C3%A3o.pdf#page=117 Acesso em 6 de mai. 2024

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, [S.L.], n. 116, p. 21-39, jul. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-15742002000200002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/KnJW3strdps6dvxPyNjmvq/>. Acesso em: 23 mar. 2024.

GARCIA, Lucia; QUEK, Francis. Qualitative research in information systems: time to be subjective? **Information Systems and Qualitative Research**. Springer, Boston, MA, p. 444-465, 1997. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-0-387-35309-8_22 Acesso em: 7 mai. 2024.

GOMES, Natalia Santos; FREITAS, Jonathan Abner Jeronimo; SCHMIDT, Gustavo Ferreira. **Percepção histórica: a mulher no mercado de trabalho**. 2022.28f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Ciências Econômicas São Judas Tadeu, São Paulo, 2022. Disponível em <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/9f95b492-7f5c-40fa-8768-068eb655086d>. Acesso em: 7 maio. 2024.

GUIGINSKI, Janaína; WAJNMAN, Simone. A penalidade pela maternidade: participação e qualidade da inserção no mercado de trabalho das mulheres com filhos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 36, p. e0090, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/YqqJqjPwYW33k6GFLknY4sS/>. Acesso em: 7 maio. 2024.

GRANATO; Tania; VAISBERG. Tania. Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais, **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, n. 39, p. 17-35, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000100002. Acesso em: 6 de abr de 2023.

JUSTA TRAMA. Disponível em: <<https://justatrama.com.br/>>. Acesso em: 3 de fev de 2024.

KUYVEN, Patrícia Sorgatto; GAIGER, Luiz Inácio; SILVA, Sandro Pereira. **Aspectos sociolaborais dos trabalhadores aderentes a empreendimentos**

de economia solidária no Brasil. Brasília: IPEA, p. 83-98, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10363>. Acesso em: 6 de abr. 2024.

LEMOS, Ana Heloísa da Costa; BARBOSA, Alane de Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. Mulheres em *home office* durante a pandemia da covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas**, v. 60, p. 388-399, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/9WS6pYzLdhWY6qWwDXTKTsN>. Acesso em: 3 mai. 2024.

MALUF, Vera Maria Daher; KAHHALE, Edna Maria Severino Peters. Mulher, trabalho e maternidade: uma visão contemporânea. **Polêmica**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 170 a 180, 2012. DOI: 10.12957/polemica.2010.2803. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/view/2803>. Acesso em: 6 maio. 2024.

MARCONDES, Mariana Mazzini; FARAH, Marta Ferreira Santos. Transversalidade de gênero em política pública. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, e65398, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/65398>. Acesso em: 7 maio. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Guia para implantação de salas de apoio à amamentação para a mulher trabalhadora.** Agência Nacional de Vigilância Sanitária. – Brasília, 2015. Disponível em chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_implantacao_salas_apoio_amamentacao.pdf Acesso em: 7 maio. 2024.

MORIN, Estelle. Os sentidos do trabalho. **Revista de administração de empresas**, v. 41, p. 08-19, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/w9w7NvLzpqcXcjFkCZ3XVMj/abstract/?lang=pt> Acesso em: 7 mai. 2024.

NOBRE, Miriam. Mulheres na economia solidária. **A outra economia.** Porto Alegre: Veraz, p. 205-211, 2003. Disponível em <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2015/07/MULHERES-NA-ECONOMIA-SOLIDARIA-Miriam-Nobre.pdf>. Acesso em: 8 mai. 2024.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da COVID-19. **Revista Tamoios**, [S. l.], v. 16, n. 1, 2020. DOI: 10.12957/tamoios.2020.50448. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/50448>. Acesso em: 23 out. 2023.

PEREIRA, Rosângela Saldanha; SANTOS, Danielle Almeida dos; BORGES, Waleska. **A mulher no mercado de trabalho.** Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Maranhão. São Luís Maranhão, 2005. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/>

extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos2/waleska_Rosangela_Danielle321.pdf. Acesso em: 17 ma. 2024.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. **Impactos das cheias de maio de 2024 em Porto Alegre, RS.** Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/inundacoes>. Acesso em: 25 mai 2024.

REA, Marina Ferreira; VENÂNCIO, Sonia Isoyama; BATISTA, Luis Eduardo; SANTOS, Rosangela Gomes dos; GREINER, Ted. Possibilidades e limitações da amamentação entre mulheres trabalhadoras formais. **Revista de Saúde Pública**, [S.L.], v. 31, n. 2, p. 149-156, abr. 1997. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-89101997000200008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/sXhfpTVDwfgZ5Z5PqGNjSkz/>. Acesso em: 3 fev. 2023.

RIBEIRO, Sérgio Dias; MÜYLLER, Cristiana Fernandes de. Economia Solidária - Em busca dos elementos essenciais da sustentabilidade e solidariedade. **Organizações & Sociedade**, [S.L.], v. 21, n. 71, p. 581-613, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1984-92302014217100004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/qbBsHr3Z59dRM3DVj6RFkqR/>. Acesso em: 2 abr. 2024.

RUBIM, Amanda Olímpio; NEY, Vanuza da Silva Pereira. A participação da mulher na economia solidária: uma análise a partir da desigualdade de gênero no Brasil. **Anais da Semana de Economia** (Campos), v. 2, n. 1, p. 23-24, 19 dez. 2022. Disponível em <https://periodicos.uff.br/seeco/article/view/56796> Acesso em: 7 maio. 2024.

SALVAGNI, Julice *et al.* Maternidade e mercado de trabalho: A trajetória das mulheres no desenvolvimento de carreiras. **Confluências: revista interdisciplinar de sociologia e direito**. Niterói, RJ, v. 25, n. 1, jan./abr., p. 18-42, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/57084> Acesso em: 11 mai. 2024.

SANTOS, Aline Mendonça dos. **UNIVENS – Nove anos de história concretizando uma outra economia**. [S. l.: s. n.], 2006. Disponível em: https://base.socioeco.org/docs/trabalho_aline_public.pdf. Acesso em 1 jun. 2024.

SILVA, José Augusto da. **Principais dificuldades da gestão pública no âmbito escolar**. 2017. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Pedagogia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://educa.fcc.org.br/pdf/rbpae/v36n1/1678-166X-rbpae-36-1-0130.pdf>. Acesso em: 7 maio. 2024.

SILVA, Marcelo Kunrath; OLIVEIRA, Gerson de Lima. A face oculta (da) dos movimentos sociais: trânsito institucional e intersecção Estado-Movimento-uma análise do movimento de economia solidária no Rio Grande do Sul. **Sociologias**, v. 13, p. 86-124, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/soc/a/dbZj6Z4J5PYVz7GvtvR9qTL/abstract/?lang=pt>
Acesso em: 23 out. 2023.

SINGER, Paul. Economia solidária. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 2, n. 1, p. 03-06, 2003. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/riae/article/view/12976>. Acesso em: 7 maio. 2024.

SOUZA, André Ricardo; JUNIOR, Fausto Augusto. A economia solidária como resposta à crise pandêmica e fator de outro tipo de desenvolvimento. **P2P E INOVAÇÃO**, Rio de Janeiro, RJ, v. 7, n. 1, p. 8–25, 2020. DOI: 10.21721/p2p.2020v7n1.p8-25. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/5405>. Acesso em: 8 maio. 2024.

_____. de. Professor Paul Singer e a economia solidária. **P2P E INOVAÇÃO**, Rio de Janeiro, RJ, v. 5, p. 43–52, 2018. DOI: 10.21721/p2p.2018v5n0.p43-52. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/4481>. Acesso em: 7 dez. 2023.

SUL 21. Economia solidária e felicidade interna bruta: as ideias de Paul Singer para enfrentar crise moral do capitalismo. Sul 21- Porto Alegre. Disponível em: <https://sul21.com.br/ultimas-noticias-economia-areazero-2/2015/10/economia-solidaria-e-felicidade-interna-bruta-as-ideias-de-paul-singer-para-enfrentar-crise-moral-do-capitalismo/>. Acesso em: 19 de mai. 2024.

VENTURI, Gustavo Juíniór; GODINHO, Tatau. (Org.). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc SP, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/22393>. Acesso em: 7 nov. 2023.

VERONESE, Marília Veríssimo. Subjetividade, trabalho e economia solidária. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 84, p. 153-167, 2009. Disponível em <https://journals.openedition.org/rccs/416> Acesso em 8 dez. 2023.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) participante, você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Os sentidos do trabalho para mãe inseridas na economia solidária”. Sou a Stefany Victoria Lima Alves, estudante do curso de graduação de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e realizo esta pesquisa sob orientação da Prof.^a Dr.^a Andréia De Conto Garbin.

Este estudo tem por objetivo compreender os sentidos do trabalho para mães inseridas na economia solidaria em seus processos de geração de renda e exercício da maternidade.

A participação é voluntária e se você decidir não participar ou quiser interromper o processo, tem absoluta liberdade de fazê-lo em qualquer momento. A entrevista ocorrerá no dia, horário e local mais apropriados para você ou remotamente, através do Google Meet ou Zoom, com duração prevista de 1h (uma hora). Se presencial a entrevista poderá ser realizada em uma praça pública, sendo assegurada à privacidade do/a participante da pesquisa caso a entrevista seja realizada on-line ou em um local público, mediante privacidade. Com seu consentimento, a entrevista poderá ter o áudio gravado com o intuito de preservar o máximo de informações para o estudo e transcrita. A entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento. Na publicação dos resultados, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo.

Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Mesmo a princípio não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo imensamente para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Poderão surgir sentimentos de desconforto ao rememorar passagens da vida dos(as) entrevistados(as) que lhes sejam exigentes do ponto de vista afetivo. No entanto, a pesquisadora assegura tomar os devidos cuidados para evitar, minimizar ou mesmo reparar tais desconfortos antes, durante e após a realização da sessão de conversação. Será ofertada uma escuta, de modo a acolher, fornece continência psíquica aos afetos que possam vir a ser desencadeados e a possibilidade de maior elaboração. Os benefícios poderão decorrer da experiência de entrar em contato, narrar e construir em relação ao trabalho como

forma de autonomia para exercer a maternidade. Os participantes podem, assim, sentir-se acolhidos e valorizados pela participação no estudo

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora Stefany Victoria Lima Alves – (11) 99920.5253 – e pela orientadora responsável Andréia De Conto Garbin – (11) 99814.1719 ou na Secretaria do CEP-PUC/SP Monte Alegre, que está localizada no térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo), na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 Tel./FAX: (11) 3670-8466 - E-mail: cometica@pucsp.br. Horário de atendimento do CEP ao Público: Das 11h às 13h de 2ª a 4ª feira e das 15h30 às 17h de 5ª e 6ª feira.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma via fica com a pesquisadora e a outra fica com você. Após conclusão do estudo, você receberá uma devolutiva do estudo pelo meio que for mais acessível a você (e-mail ou WhatsApp) no qual constarão as conclusões da pesquisa, conforme relatório final do estudo.

São Paulo, ____ de _____ de _____.

 Participante de pesquisa
 responsável

 Pesquisadora

Eu,

 _____,

() Declaro que entendi o objetivo da pesquisa e concordo em participar da entrevista. Estou ciente de que dados que permitam minha identificação serão omitidos a fim de garantir meu anonimato. Tenho ciência também de que posso encerrar minha participação na pesquisa a qualquer momento. Por fim, sei que

este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada uma de nós.

Informo meu e-mail ou WhatsApp para receber a devolutiva do estudo:

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

Assinatura da orientadora responsável: _____

São Paulo, ____ de _____ de 202__.

